

Índice

Prólogo	9
1. Morte e Ferida	11
2. Sobre a Ética da Morte	39
3. A Assinatura da Morte	75
4. Aleatanatologia	117
5. Nome, Interpelação e Mortalidade: sobre a Onomatanatologia	141
6. Estância, Paisagem e Morte	171
7. Escrever Voltado para a Morte. A Tanatografia de Jacques Derrida	203

Prólogo

Este interpreta a morte.

A morte não guarda silêncio sobre nada.

Elias Canetti, *O Suplício das Moscas*

Gostaria — porque não? — de dar um passeio na companhia de puros ninguéns. À montanha, sem dúvida, aonde senão lá? Como se apinham todos estes ninguéns, toda esta quantidade de braços puxados e agarrados, toda esta quantidade de pés separados por passos minúsculos! Todos de fraque, evidentemente. Vamos assim, o vento sopra pelas frestas que nós e as nossas extremidades abrimos. As gargantas libertam-se nos montes! Só por milagre não cantamos.

Franz Kafka, *Passeio à Montanha*

Não amparado em ninguém na face —
mas em ti amparado, vida.

Paul Celan

A morte traz consigo uma retórica singular que a multiplica, que a torna um fenómeno, uma manifestação ou uma experiência *viva*. É uma eloquência singular que faz com que se *pronuncie* o “estar voltado para a morte”. A morte não é um simples ponto final, mas um ponto zero da vida, onde *começa*. A morte come-

çou sempre já a falar, a apontar, a fazer de ventríloqua através da vida. Em torno da morte proliferam *fenómenos*. A morte faz com que se desenrolem metáforas e metonímias. Tal é a *aparência necessária* que faz com que a vida *seja o que é*. Mas o aparente não é o falso, não é o oposto do verdadeiro. A aparência não se limita a falsear o ser, mas faz com que ele se *manifeste* de um determinado modo, transformando-o assim em linguagem. A aparência *glosa* a morte. Sendo um fenômeno que se manifesta, a morte faz-se *história*. A *natureza* chega sempre já elaborada pela *aparência* da morte. A sua eloquência fulgura sobre a *mudez* e fá-la calar-se. Será necessário deixar que a morte fale, conceder-lhe a palavra, consciente ou inconscientemente, até que ela tire a cada um toda a palavra e toda a expressão, até que torne impossível toda a sua possibilidade de se expressar, até se *fundir* com a natureza indiferente, com a sua *mudez*... num ponto imperscrutável mas ao mesmo tempo muito *habitual*, no ponto final que introduz uma paralisia absoluta da palavra, da linguagem, da língua, um *nada* apático, sem eloquência alguma, que estaria mais nu do que o silêncio.

Neste livro descrevem-se alguns tipos de morte. Mas não quaisquer tipos, antes precisamente aqueles que parecem mais próximos da morte e mais semelhantes a ela, que, em vez de a ocultarem sob uma aparência *rígida*, parecem aproximar-se e apoiar-se nela assintoticamente. Tais tipos de morte seriam *sintomas* eloquentes desse movimento assintótico de apoio. Aquela singular retórica é regulada por uma *mimese da morte*, que, no entanto, traz consigo sempre uma diferença, uma falta de identidade. Todos os sintomas miméticos e assintóticos remetem para esse lugar *quase-utópico* em que *ninguém* desperta. Os pensamentos que se seguem vão a caminho de uma *nemologia*.

1. Morte e Ferida¹

Quem se abriu demasiado rapidamente à experiência da morte nunca poderá fechar-lhe outra vez as suas portas: uma ferida que acaba por ser uma espécie de pulmão através do qual se respira.

Elias Canetti, *O Coração Secreto do Relógio*

Numa das suas lições, Adorno comenta uma recordação de infância. Em criança, viu uma vez passar um camião de transporte de animais mortos levando uns quantos cadáveres de cães. Ao vê-lo, perguntou: “O que é? O que é que sabemos realmente? Seremos também nós isto?” A filosofia, continuava Adorno, é uma espécie de materialismo que “assume a consciência não minorada nem sublimada da morte”². Uma parte essencial do materialismo é a experiência do morto. O materialismo constata o “fator [da morte] que brota do espírito”³. Nestes termos, filosofar não é mais do que pensar e comemorar a morte sem véus, não embelezada ideológica ou metafisicamente, o propósito de “assumir na consciência em toda a sua gravidade o reprimido da morte”⁴. Como a plena consciência implica sempre a consciência da morte, o seu

1 Este capítulo baseia-se numa conferência que pronunciei durante o semestre do verão de 1996 na Universidade de Friburgo no quadro de uma série de lições públicas.

2 T. W. Adorno, *Philosophische Terminologie*, Frankfurt, 1974, vol. 2, pp. 181 s.

3 *Ibid.*, p. 180.

4 *Ibid.*, p. 181.

recalcamento — diz Adorno — cobra-nos o “preço de uma limitação da consciência”⁵. Deste modo, pois, após o recalcamento da morte pensamos com uma consciência desmedida e falsa.

A pergunta amedrontada da criança — “O que é?” — ao ver passar o camião de transporte de animais mortos seria para Adorno a primeira pergunta da filosofia. Mas difere essencialmente da pergunta aristotélica *ti estin*. Não é uma pergunta movida pelo desejo de saber. Mas representa antes a *fragilidade* do saber ou o *questionável* da pergunta *ti estin*. Remete mais para os “buracos do saber”⁶ do que para o saber. A morte questiona a economia do próprio saber. A segunda pergunta, que decorre da pergunta “O que é?”, diz: “O que é que sabemos realmente?” E poderia traduzir-se por meio desta outra: O que é realmente o *saber*? Poder-se-á assumir a morte no saber? Não torna acaso a morte visíveis essas *feridas* que o saber mantém tapadas?

Assumir a morte na consciência não significa somente tomar *nota* da morte. Não se exige somente aqui o pensar *na* morte, mas um pensar que *recorra* à morte, que se apoie nela, uma disposição para que seja a morte a dar-nos o pensar. Assumir a morte na consciência não consiste somente em atribuir à morte, generosa ou magnanimamente, um lugar na consciência, de maneira que a morte passe a ser um conteúdo da consciência enquanto a própria consciência se mantém incólume na sua forma anterior. Antes acontece, com efeito, que a morte faz vacilar a imagem que a consciência tem de si mesma. Através da experiência do horror, a consciência entra em contacto com o *diferente* de si mesma.

Na realidade, assumir a morte na consciência é uma exigência aporética. Por outras palavras, a morte cria uma situação aporética na consciência. A consciência já não pode continuar a ser como era. Já não pode *seguir em frente* sem mais. A consciência não pode limitar-se a continuar no caminho anterior. Se caminhar fosse um traço fundamental da consciência e se, por outro lado, já não lhe fosse possível continuar a avançar, então a morte seria

5 T. W. Adorno, *Negative Dialektik, Gesammelte Schriften (GS)*, vol. 6, p. 388.

6 E. Canetti, *Fliegenpein*, Zúrique, 1992, p. 9.

a aporia por antonomásia. Mas se apesar de tudo fosse possível caminhar, então haveria um caminhar aporético, quer dizer, um caminhar sem caminho. A expressão desta aporia seria a exigência de Adorno de que o pensar tem de pensar contra si mesmo. Com a pergunta “O que é?” ou “O que é que sabemos realmente?”, a consciência *vacila*. *Detém-se*. “Estar voltado para a morte” seria este deter-se vacilando, a *resolução* de vacilar. A consciência ou o saber *vacilam* à vista da morte. Esta vacilação faz ver aquilo diante do qual a consciência se dispõe a passar de largo. Há nela um olhar parcimonioso e prolongado.

Há também outro motivo pelo qual a recordação infantil de Adorno provoca desassossego. O que provoca horror não é o homem morto, mas o animal morto. Talvez Adorno tenha querido dizer que o homem reprime a tal ponto o pensamento da morte que já nem sequer o morto lhe recorda a morte. Esta maneira de reprimir a morte expulsando-a do ser humano acarretaria que já somente o cadáver putrefacto de um animal é capaz de provocar horror. O horror sentido por Adorno seria duplo. Até mesmo o homem morto faz com que a morte se torne invisível. A terceira pergunta da criança é: “Seremos também nós isto?” Com o que está a perguntar-se também: “Seremos também nós animais?” Esta pergunta formula uma das questões centrais do pensamento adorniano. Nas três perguntas da criança suscitadas pela visão do animal morto — “O que é?”, “O que é que sabemos realmente?” e “Seremos também nós isto?” — viriam a concentrar-se as perguntas fundamentais do pensamento adorniano.

Um Hegel com quinze anos descreve no seu diário um passeio insólito:

Eu ia a andar com o Sr. Cleß. Justamente quando passávamos *por cima da cova* tocou o sino grande para o enterro do senhor regedor R. Schmidlin. Ao mesmo tempo, ouviram-se trombones que começavam a tocar funebremente da torre da cidade (*moles propinqua nubibus arduis*). O solene dobrar surdo e vagaroso do sino e o triste som dos trombones suscitaram em mim um sentimento e uma impressão tão sublimes que não sou capaz de os